

A CHANTAGEM INÓCUA DOS ESTADOS UNIDOS

A chantagem dos Estados Unidos contra o Brasil foi inócua.

Descobri isso observando a serenidade de um garçom que, às sete da manhã, equilibra três xícaras de café como quem carrega o Atlântico nas mãos. No rádio, uma comentarista fala de sanções, retaliações, ameaças em inglês de sotaque metálico. Na mesa ao lado, alguém calcula o dólar no guardanapo. E, no entanto, o garçom não erra a bandeja, o café não transborda, e o dia prossegue: ônibus atrasam, crianças atravessam a rua de mochila nas costas, o sol acende os telhados como se nada fosse.

Não é que o mundo exterior tenha perdido força. Longe disso. É que, no Brasil, a chantagem nunca chega pura. Entra pela janela dos noticiários, passa pelos corredores do Itamaraty, tropeça na fila do pão, escorrega no vaivém das feiras, dilui-se em mil pequenas negociações que lembram a receita de um feijão bem temperado: cada ingrediente sozinho não sustenta a panela, mas juntos, no fogo lento da vida cotidiana, adquirem uma densidade que não se intimida com telegramas diplomáticos. Os ultimatos estalam como relâmpagos distantes; a chuva, se vem, chega mansa.

Já houve tempo em que acreditávamos que bastava um telefonema de Washington para a nossa bússola enlouquecer. Talvez alguns ainda acreditem. Mas a verdade miúda — a que se recolhe nas conversas de esquina e nos boletins de exportação, no apetite de um país por sobreviver — é outra: aprendemos a viver com muitas gravidades ao mesmo tempo. O preço da soja pesa, a transição energética puxa, a ciência pede fôlego, a floresta cobra cuidado, o crédito faz exigências, e a miséria, como sempre, exige pressa. Entre esses vetores, uma pressão a mais já não arrasta o país inteiro; apenas deforma um pouco a curva, que o pragmatismo endireita mais adiante.

A chantagem, quando vem, costuma vir com manual de instruções: “faça isso, assine aquilo, calce este número, sorria para a foto”. O problema é que o Brasil calça 42 num pé e 40 no outro. Somos um país de assimetrias ternas: pontes grandiosas e buracos no asfalto, doutores de laboratório e escolas sem telhado, plataformas de petróleo e cozinhas de lenha. Em tal anatomia, o sapato único não entra. E é nesse desencaixe que a chantagem perde eficácia: não há como prometer castigo uniforme a quem vive desuniformemente. A ameaça de congelar um rio não funciona para quem bebe de muitos riachos.

Não confunda, leitor, com bravata ou autossuficiência. Nossa autonomia não é uma espada; é um canivete. Abre cartas, descasca fruta, aperta parafusos, corta

barbante que enrosca a vida. Às vezes falta fio, às vezes emperra. Mas está sempre no bolso. O que aprendemos no século passado — entre ditaduras, planos econômicos, privatizações, estatizações, desestatizações de fato, boom de commodities e recessões — é que a arte brasileira de dizer “sim” vem com uma vírgula escondida: “sim, mas”. Esse “mas” é a porosidade por onde o país vai inserindo seus interesses. Não é épico. É astuto.

No café das sete, um senhor abre o jornal e balbucia: “Vão punir o Brasil.” Ninguém levanta a cabeça. Não por indiferença — por experiência. Sabemos que punições são espelhos: refletem mais o punidor que o punido. O Brasil tem costas largas o suficiente para receber a pancada, virar de lado e continuar negociando pelo outro flanco. Quem viveu ciclos de FMI e câmbio flutuante, planos de estabilização e metas de inflação aprende que ameaças externas são como marés: merecem respeito, mas não decidem o desenho da praia. O que define o contorno é a geologia — e a nossa geologia social é teimosa, pluriestratificada, resistente a pressões de manual.

Outra coisa: a chantagem supõe que temos medo de perder a chave do portão. Mas a economia do século XXI é cheia de passagens laterais, atalhos logísticos, rotas comerciais que se redesenham com a rapidez de um aplicativo. O Brasil não é ilha, mas também não é cul-de-sac. Se o norte fecha, o sul cochicha; se o oeste franze o cenho, o leste levanta a sobrelanceira. Nossos portos já aprenderam a ouvir línguas diversas. E em cada língua se negocia um desconto, um prazo, um “me ajuda que eu te ajudo”. A chantagem fala alto; o comércio cochicha. Quem vence costuma ser o cochicho.

Talvez o traço mais brasileiro dessa história seja a capacidade de traduzir humilhações em matéria-prima. A cada advertência estrangeira somamos uma pergunta doméstica: “O que nos falta para que isso doa menos da próxima vez?” Às vezes a resposta é infraestrutura; às vezes é política industrial; às vezes, simplesmente, vergonha na cara. E essa tradução lenta, essa manufatura do desaforo em aprendizado, é o que reduz o impacto à escala do administrável. No fim, a chantagem vira insumo para o antigo ofício nacional de improvisar soluções que, vistas de perto, são mais sólidas do que parecem.

Há também a dimensão simbólica, aquela que não aparece no câmbio do dia, mas decide a disposição das almas. O Brasil gosta de conversar. Não há sanção que sobreviva sem narrativa que a sustente; e nós temos uma destreza antiga em contar o país de um jeito que nos permite esticar o tempo. Quando o dedo em riste chega, respondemos com uma história: de onde viemos, o que fazemos com a floresta, o papel da desigualdade, o desejo de crescer sem pedir desculpas por existir. Histórias não derrubam decretos, é verdade — mas explicam o caminho por onde os decretos vão ficando sem efeito.

No meu café, o garçom recolhe as xícaras e anuncia: “Amanhã tem promoção de pão de queijo.” É a política externa possível: a diplomacia do cotidiano, que não ignora a tempestade no globo, mas não deixa de pintar a porta do armazém. O Brasil, quando acossado, pinta portas. E as portas pintadas, multiplicadas por milhões, formam uma espécie de barreira acústica: as ameaças chegam, mas não ecoam como pretendiam. A vida, com seus pequenos compromissos — o boleto, a aula, a consulta, o trem, a missa, o forró da sexta — rebaixa a frequência do medo.

No rádio, a comentarista encerra o quadro e promete novas atualizações. Saio do bar e o sol já está alto, como quem não reconhece soberania de nuvem estrangeira. Penso, então, que a chantagem, para funcionar, precisa que acreditemos que não temos alternativa. O Brasil sempre teve: às vezes boa, às vezes ruim, quase sempre imperfeita, mas nossa. E é isso que reduz o impacto — não uma força hercúlea, não um gesto heroico, e sim a soma de milhões de pequenos desvios, correções de rota, testes de hipóteses, feiras, portos, escolas, oficinas, cozinhas, gabinetes e terreiros. O país segue, com seu canivete no bolso, afiando a lâmina enquanto atende o telefone.

Talvez um dia aprendamos a negociar sem a música de fundo da intimidação. Até lá, o som da vida brasileira — esse batuque improvisado de prazos, rezas, estatísticas e sonhos — continuará abafando o estrondo lá de fora. A chantagem late. A feira vende. O Brasil compra, pechincha, parcela, exporta, canta. E volta para casa com pão de queijo em promoção.